

MATRICULAR O FILHO EM UM COLÉGIO BILÍNGÜE TEM SEUS PRÓS E CONTRAS

Do YOU SPEAK ENGLISH?

Claudia Bernal
Da equipe do **Correio**

Ricardo tem só 7 anos e já sabe falar inglês “muito melhor” que o pai — que morou um ano nos Estados Unidos quando estudava medicina. Ricardo já foi à Disney “há um tempão atrás”, mas nem foi lá que aprendeu a língua. Ele estuda, há dois anos,

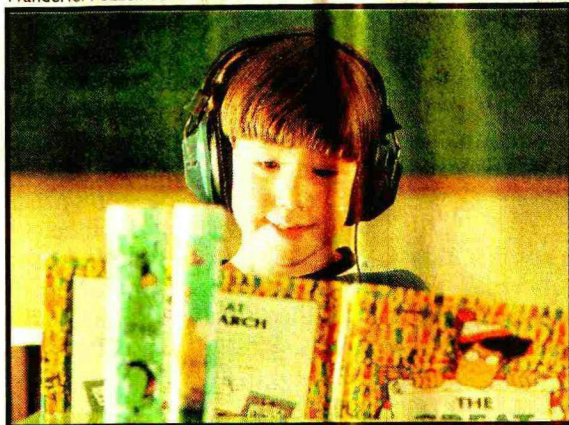
na Escola Americana, onde 80% das aulas são ministradas em inglês, inclusive para os alunos mais novinhos, que podem começar a estudar aos quatro anos.

“Ricardo lê e escreve em inglês como em português”, ressalta a mãe, a médica Carmem Figueiredo, satisfeita com a educação que o colégio vem dando ao filho. “Gosto daqui porque tenho meus amigos preferidos, brinquedos e adoro minhas tias”, completa o garoto.

Um dos principais objetivos da Escola Americana é que o aluno (da pré-escola ao ensino médio) saia falando inglês fluentemente. Com exceção das aulas de português e de estudos sociais brasileiros (geografia e história do Brasil), o restante do currículo é ensinado na língua estrangeira.

Lição seguida à risca por Ricardo. “How old are you?”, pergunta a tia. “I’m seven years old”, fala automaticamente, com um sotaque americanizado invejável.

Wanderlei Pozzembom



Ricardo lê e escreve tanto em inglês como em português

Por todos os lados, há cartazes com dizeres nas duas línguas. Quem vê a plaquinha *Library* sabe que está entrando na biblioteca. Há salas onde pode-se conversar em português — em outras, só se fala inglês. Fora de aula, no entanto, o aluno tem a liberdade de se comunicar na língua que bem quiser.

São 600 alunos que entram às 8h e saem às 15h — exatamente como nas escolas dos Estados Uni-

dos. O ano letivo também é diferente: começa em agosto e termina em junho. O currículo é a união das matérias dos dois países. “E valorizamos extremamente a educação artística e a

leitura”, enfatiza Darcy Sullivan, diretora do currículo brasileiro.

A biblioteca, super colorida e com sala de contar histórias, tem, diariamente, dois jornais americanos e dois brasileiros, além da assinatura mensal de 78 revistas. Livros também são referentes às duas nacionalidades. “Fortalecemos tanto o lado cívico brasileiro como o americano”, comenta Darcy. A mãe de Ricar-

do, Carmem, está de acordo. “A escola não exige que o aluno tenha hábitos americanos”. Em breve, a caçula, Maria Eduarda, de dois aninhos, também será matriculada. “A única limitação é a mensalidade. É cara, mas vale a pena”, acredita Carmem.

Para quem pode pagar (algo em torno de R\$ 1 mil a mensalidade), resta saber se a educação em duas línguas é benéfica ou não à criança. “Sim”, acredita a educadora Stella Maris, professora titular de lingüística na UnB. “A pessoa passa a ter uma imersão total no inglês e, se estudar no colégio da educação infantil ao ensino médio, terá competência produtiva e receptiva nas duas línguas”, constata.

Porém, alerta que os pais não devem abandonar, no dia-a-dia, a língua nativa.

“Em casa deve-se estimular a criança a conhecer a literatura brasileira”, diz. “Não é bom que ela se distancie da língua e cultura brasileiras, o que pode re-

fletir em dificuldades até nas avaliações para entrar na universidade, como o PAS e o vestibular”, esclarece.

Em Brasília, além da Escola Americana, outra que segue filosofia parecida é a Escola das Nações. Além do projeto de educação bilíngüe, temas como ética, respeito, solidariedade e o não-preconceito são repassados ao aluno sala de aula. Metade das aulas é ministrada em inglês e o restante em português. “Recebemos alunos do mundo inteiro. Essa pluralidade de riquezas dá uma visão globalizada desde cedo à criança, que não fica obsoleta no mercado”, acredita a diretora pedagógica Euma Nascimento. E não vai ficar só no inglês e português. Ela anuncia que, talvez no próximo semestre, o currículo já poderá contar com mais uma língua: a espanhola.

SERVIÇO

Escola Americana: 443-3391
Escola das Nações: 366-1800